



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

IMPLANTAÇÃO DO PÓLO PETROQUÍMICO DE ITAGUAÍ

Rio de Janeiro, RJ
5 de abril

5 de abril — O Presidente José Sarney assina o decreto que remaneja os terrenos de propriedade federal em Itaguaí, criando espaço físico para a instalação do Pólo Petroquímico.

— O Governo estuda alterações no Plano Verão que incluem da criação de indexador para a economia a novas fórmulas para aumentar a receita tributária, além da definição de uma nova política salarial. A área econômica do Governo ainda não pretende propor o descongelamento geral de preços e continuará administrando a política de flexibilização, com ajustes setorizados e sempre que forem necessários.

A inauguração do Pólo Petroquímico do Estado do Rio nos seus fundamentos, com esta solenidade, que o Governador qualificou de simples, porque ela é muito simples, é justamente para demonstrar o quanto julgamos a importância do Pólo Petroquímico para o Estado do Rio de Janeiro.

Como disse o Sr. Governador Moreira Franco, esta é uma cerimônia do presente, mas que se projeta no futuro. É sobretudo o futuro que nós olhamos neste instante.

O Pólo Petroquímico, sem dúvida, representa o início de uma nova era para o Estado do Rio de Janeiro. É a marca do fim de um ciclo em que o Rio de Janeiro se debilitou e, ao mesmo tempo, se enfraqueceu perante a Federação, para agora, com as novas perspectivas, com as novas estradas que se abrem no campo da petroquímica, poder

sinalizar uma vocação modernizadora que sem dúvida vai transformar o Estado.

As mais representativas lideranças do Estado do Rio de Janeiro reivindicaram a instalação desse Pólo Petroquímico, cientes de sua importância como alavanca do desenvolvimento industrial.

Devo destacar o esforço grandioso, permanente, vigilante e patriótico do Governador Moreira Franco, do Senador Nelson Carneiro, das bancadas federais, das bancadas estaduais, da mobilização da consciência da classe política e do povo desta unidade da Federação.

Isto, sem dúvida, facilitou a tarefa do Governo para determinar, de imediato, a implantação do Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro. Aqui temos abundância de matéria-prima, proximidade dos centros consumidores, facilidades de infra-estrutura. E os sistemas viários já implantados permitirão o rápido escoamento da produção para os mercados internos e externos do País.

Meu Governo, em colaboração estreita com o Governo estadual, lança, assim, as bases da viabilização no Rio de Janeiro de um grande parque de desenvolvimento industrial na área petroquímica.

A bela e progressista Itaguaí foi eleita para abrigar o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro. Em breve, o seu nome será no Brasil um sinal de progresso e de modernidade, como hoje é Camaçari, e o que Camaçari representou para o Nordeste inteiro do Brasil e para o Estado da Bahia, pólo implantado pelo Presidente Ernesto Geisel, aqui presente, este brasileiro a quem sempre nós demos a homenagem do nosso respeito.

Durante a instalação deste pólo, serão gerados cerca de vinte e cinco mil empregos diretos. E quando da sua operação plena serão criados nove mil empregos diretos e vinte mil empregos indiretos.

Mais uma vez os nossos olhos se lançam para o futuro, porque isso será apenas o começo. Eu me lembro que quando o Presidente Vargas lançou aquela obra pioneira e extraordinária, que iniciou a independência da siderurgia

do Brasil, que foi Volta Redonda, a capacidade da usina era de 600 mil toneladas.

Juscelino Kubitschek, quando estabeleceu o seu plano de metas, aqui referido pelo Governador, tinha como meta o Brasil produzir 1 milhão de toneladas em cinco anos. Por fim, o nosso País cresceu de tal maneira que durante o meu Governo nós já implantamos três milhões e oitocentas mil toneladas de aço, e todos nós achamos que isto é uma coisa normal. Quando completado no seu conjunto o Pólo Petroquímico, o Rio de Janeiro apresentará um faturamento anual estimado em dois e meio bilhões de dólares, devendo gerar uma arrecadação tributária da ordem de 120 milhões de dólares para o Governo Federal e de 250 milhões de dólares para o Governo Estadual.

O Pólo será um elemento irradiador para toda a sua periferia, vai multiplicar oportunidades de emprego e será um grande gerador de riqueza. Cumprindo rigorosamente a legislação ambiental, o Pólo do Rio de Janeiro, como os demais implantados no Brasil, proporcionará condições saudáveis de trabalho e uma convivência harmoniosa com as comunidades vizinhas.

Temos procurado identificar as vocações intrínsecas de cada região e assim maximizar o potencial de utilização de seus recursos naturais. Nesse contexto, o pólo, o setor petroquímico presta-se também de forma exemplar à política de descentralização industrial e à redução das disparidades regionais.

O sucesso do complexo químico do Nordeste, é um exemplo claro dos frutos dessa política.

O Nordeste demonstrou, através do Complexo Petroquímico da Bahia, com mais de 40 unidades hoje em pleno funcionamento, a sua vocação para a indústria petroquímica.

A consolidação do Pólo Cloroquímico de Alagoas, em dois anos, as unidades do setor Químico, em Cabo, de Pernambuco, e mais recentemente, a implantação do Pólo Cloroquímico do Recife, estão confirmando essa vocação.

Tudo isso aproveitando infra-estruturas já existentes ou em obras na região, como as hidrelétricas de Itaparica e

Xingó, e o sistema viário ali instalado. Importantes projetos de ampliação voltaram-se também para o setor petroquímico do Rio Grande do Sul.

Agora, com a implantação do Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, vencemos mais uma importante etapa do nosso programa nacional, lançado em 1987, e que completa a instalação do Pólo do Rio de Janeiro, do Pólo Cloroquímico de Sergipe e de Alagoas, bem como também a ampliação do que se refere a São Paulo, do que se refere ao Rio Grande do Sul.

Vê-se que, silenciosamente, o Governo trabalha na infra-estrutura, colocando as sementes que no futuro assegurarão a continuidade deste grande Brasil, que cada vez surpreende todos nós com a força que ele tem para superar dificuldades e olhar para o futuro, construindo sempre o seu presente. Com tudo isso, o Programa Nacional tem sido uma das prioridades do meu governo na área industrial.

Por considerar seu caráter prioritário e sua importância estratégica, elevamos o investimento inicial do Programa Nacional de Petroquímica, de 4 bilhões e 800 milhões de dólares, para 6 bilhões e 300 milhões de dólares. Esses investimentos se realizarão entre 1987 e 1993. E, uma vez consolidados, o País estará apto a produzir um largo espectro de produtos petroquímicos, sem depender de insumos importados.

Dentro dessa filosofia, meu Governo lançou as bases de um relacionamento entre o Governo Federal, os governos estaduais e a iniciativa privada. Aqui, o Governo Federal, o governo estadual e a iniciativa privada vão caminhar juntos, harmonizados em suas ações, para que o parque industrial se modernize e se apresente no mercado externo, como empresas cada vez mais sólidas, capazes de disputar um espaço ainda maior para os nossos produtos.

A nova política industrial veio instalar uma nova forma de convivência entre o capital e o trabalho. Quero dizer que, agora mesmo, quando viajávamos para o Rio de Janeiro, e ciente da existência já, no Ministério da Indústria e do Comércio, de cerca de 12 projetos para o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, determinei ao Sr. Ministro da Indústria e do Comércio, que convoque imediatamente o

Conselho de Desenvolvimento Industrial para, num prazo máximo de 90 dias, ter aprovados esses projetos, a fim de que eles sejam começados. Obras notáveis como o pólo que hoje implantamos são a resposta, eficaz e construtiva, do povo brasileiro ao desafio da modernidade e ao pessimismo.

Quero dizer, também, que aproveitamos esta solenidade, para assinarmos o contrato de ampliação e da criação do terminal de minério de Sepetiba. Esta obra é extremamente importante e vem juntar-se à obra do Pólo Petroquímico, porque o porto do Rio de Janeiro não tem hoje condições de operar minérios, produtos siderúrgicos, gusa, etc.

Mas, construindo o terminal de minérios aqui em Sepetiba, deslocar-se-ão para esta região todos esses produtos. Com a conexão da Ferrovia do Aço, que no próximo mês já iremos inaugurar, cria-se também um novo pólo aqui nesta área em condições de se desenvolver noutros setores.

Não posso deixar de acentuar que silenciosamente — acho que ninguém aqui deve saber disso, porque nós fizemos ao meu estilo — foi construído no Rio de Janeiro o terminal de *container* durante o meu Governo, governo que modernizou o porto do Rio de Janeiro, que tornou o porto do Rio de Janeiro apto para poder racionalizar os transportes marítimos da região. Este porto de *container* está funcionando. Também durante o meu Governo fizemos a ampliação do porto de *container* de Santos e continuamos obras portuárias no Brasil inteiro.

Também devo dizer, ao povo do Rio de Janeiro, que as ações do Governo Federal, aqui, têm sido permanentes.

Nós investimos a nível do Governo Federal, de recursos federais, no Estado do Rio de Janeiro, nestes quatro anos, cerca de doze bilhões de dólares, isto é, aplicações de recursos que aqui foram feitas, em diversas áreas, na área social, na área industrial, na área bancária e na área de cooperação com o governo do Estado.

Quarenta por cento dessas verbas foram empregadas na área do setor social. Basta dizer que o valor desses re-

curso significa, eu acho, três a quatro vezes o que o Estado arrecada em ICM. É o caso, por exemplo, que se refere ao menor, à merenda escolar, que é distribuída a um milhão e duzentos mil alunos no Estado do Rio, por dia.

A Previdência Social realiza no Rio de Janeiro, em média, cerca de 84 milhões de atendimentos médicos e odontológicos. E o Governo Sarney teve a coragem e o desprendimento de transferir aos governos estaduais, numa operação que é difícil de aplicação, o problema da Previdência Social, através do SUDS.

O Programa do Leite, no Rio de Janeiro, atende, a cada dia que passa, um milhão de crianças cariocas, que nunca tinham tomado talvez um copo de guaraná e que hoje tomam um copo de leite.

Outro dia, comovido, eu vi na televisão o depoimento de uma senhora do Rio de Janeiro, que dizia que a sua alimentação era a metade do litro de leite que era dado para o seu filho.

É este Brasil difícil, é este Brasil tempestuoso, é este Brasil de problemas, mas é este Brasil de uma grande vitalidade e de um grande futuro, que nós todos vivemos. E à frente do qual o Presidente tem a obrigação de estar, com determinação, agüentando o mar revolto e as tempestades, porque este é o seu dever e ele não fugirá ao cumprimento do seu dever.

Na próxima semana, aqui no Rio, aquela grande aspiração dos fluminenses, que era acabar com o engarrafamento da Região dos Lagos, nós vamos atender: vamos inaugurar a estrada de Manilha a Niterói, que sem dúvida será uma grande aspiração que vai ser concluída.

Devo lembrar também que os *royalties* para o Rio de Janeiro foram concedidos durante o meu Governo — os *royalties* do petróleo.

Devo lembrar também que paguei o restante da dívida do Governo Federal para com os municípios, resultado da fusão. Devo lembrar também que para o Rio nós demos, nestes quatro anos, 21 mil bolsas de estudo e quase duas mil bolsas para o exterior.

Na Fundação Oswaldo Cruz, foi criado o Centro Nacional de Supercomputação, em apoio aos centros de pesquisa implantados em núcleos avançados em engenharia genética da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Algumas realizações no Setor Cultural, como a conservação do Museu Villa-Lobos, de Belas-Artes, a Biblioteca Nacional, e a luta eterna pelo Arquivo Nacional, que a Dona Celina sempre cobra, e que nós sempre estamos em débito.

Nós sempre estivemos também presentes nas obras de infra-estrutura. Participamos da construção de quatro conjuntos habitacionais, que vão beneficiar cem mil pessoas. Estão sendo realizadas obras de urbanização em cem favelas e em vários outros pontos, em decurso de obras de contenção de encostas.

No setor de saneamento, inclusive ações preventivas ao dengue, os projetos apoiados pelo Governo Federal beneficiaram um milhão de pessoas.

Na área de comunicações, nós instalamos no Rio de Janeiro 217 mil novos telefones. É o resultado da aplicação de 500 milhões de dólares nesse setor. E os telefones públicos, aqueles que dizem respeito ao povo, quem não tem telefone de casa — essa também é uma preocupação do Governo. Queremos estabelecer mais telefones conjuntos e também telefones públicos. Aqui no Rio houve um grande salto. Por exemplo, o Rio tinha, antes de 1985, 15 mil telefones públicos. Só no meu Governo nós instalamos 25 mil. Mas há certas aplicações cujos resultados não são tão visíveis. É o caso, por exemplo, da rolagem da dívida externa, do apoio ao saneamento do BANERJ, que exige um grande esforço também do Governo Federal.

Devo dizer que eu e o Governador Moreira Franco encontramos um período difícil para governar. Um período de vacas magras. Mas nós temos utilizado os recursos poucos que encontramos, para utilizá-los da melhor maneira possível, sem demagogia, porque a demagogia é a pior coisa que existe, porque ela dá uma solução fácil para um problema difícil.

É fácil chegar para o povo e dizer: vamos resolver isso! Difícil é resolver; difícil é ter a coragem de dizer: este problema é difícil de resolver. Vamos trabalhar, mas é difícil de resolver. Mas dizer: *vamos resolver*, é muito fácil.

Esta colaboração com o Rio de Janeiro não é só do tempo do Governador Moreira Franco.

O anterior governador também encontrou, da parte do Governo Federal, a compreensão e a ajuda. Eu agora mesmo, quando olhei um dos CIEPs, lembrei-me de que vários CIEPs foram construídos em terrenos doados pelo Governo Federal e nunca ninguém disse isso.

Pois bem, eu não quero me alongar mais. Transformei quase que este discurso e esta inauguração numa conversa com o povo do Rio de Janeiro, conversa que precisaria talvez ser mais constante e talvez mais longa.

Mas o que eu quero dizer é que não há brasileiro, não existe brasileiro nenhum, de nenhum lugar, desde o Rio Grande, desde a fronteira, até as mais escondidas margens do menor rio da Amazônia, que lá exista, que não tenha um pedaço do Rio de Janeiro no seu coração ou na sua personalidade. Quem por aqui não passou, não viveu o clima do Rio de Janeiro, este clima característico, singular, próprio, que nós desejamos ver, não com aquela tristeza, com aquele desânimo, achando que as coisas estão se perdendo.

Não. Nós estamos com o nosso grande futuro. Não há país que não tenha dificuldades.

Mas o Brasil venceu todas as dificuldades, ao longo de sua história.

Nós hoje nos queixamos de dificuldades. Porém, mais dificuldades tiveram nossos pais e nossos avós, e menores do que nós terão os nossos filhos, e muito menores que nossos filhos, terão os nossos netos, porque o País foi feito para ser um grande País. Por quem? Pelo povo brasileiro.